

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
KONRAD WOLF
19 de Maio de 2025

SOLO SUNNY / 1980

Um filme de Konrad Wolf e Wolfgang Kohlhaase

Realização: Konrad Wolf e Wolfgang Kohlhaase / Argumento: Konrad Wolf, Wolfgang Kohlhaase / Fotografia: Eberhard Geick / Montagem: Evelyn Carow / Música: Günther Fischer / Interpretação: Renate Krössner (Ingrid “Sunny” Sommer), Alexander Lang (Ralph), Dieter Montag (Harry), Klaus Brasch (Norbert), Heide Kipp (Christine), Ursula Braun, Michael Christian, Regine Doreen

Produção: DEFA-Studio für Spielfilme / Cópia: 35mm, legendada em inglês e eletronicamente em português, 104 minutos / Estreia mundial: Berlim, Kino International, 17 de janeiro de 1980 / Primeira exibição na Cinemateca: 14 de março de 1984, Ciclo “Cinema da R.D.A.”

Última ficção realizada por Konrad Wolf, dois anos antes da sua morte prematura (aos 56 anos, em 1982), **Solo Sunny** foi um enorme sucesso comercial, talvez o mais popular filme produzido na Alemanha Democrática de sempre, e um autêntico fenómeno sociológico que se transportou para o lado Federal, onde foi igualmente estreado e também considerável adesão dos espectadores, sobretudo dos mais jovens. A “sociologia” do filme foi, de resto, amplamente discutida na RDA: seria esta história de uma jovem cantora que anseia por uma carreira a solo, desligada de um colectivo, uma apologia do individualismo, um traição aos ideais socialistas que deviam nortear a sociedade alemã democrática?

As discussões foram muitas, tanto na imprensa da RDA como nos seus bastidores políticos – houve até um atraso considerável entre o momento em que o filme ficou pronto a estrear e o momento em que efectivamente estreou, que se sugere ter sido provocado por um debate intenso a nível político, nos “bastidores”, sobre a pertinência do filme. Que, aparentemente, e em parte pelo estatuto de Konrad Wolf nas hierarquias do poder cultural na RDA, estreou sem cortes, nem restrições, nem admoestações. O eco que obteve, sobretudo entre a fatia mais jovem dos espectadores, de algum modo ratificou o que pudesse haver de mais politicamente ousado no gesto de Wolf, e confirmou a justeza da sua intuição. Porque, ainda continuando neste nível “sociológico”, o tema de **Solo Sunny**, o retrato condensado na protagonista e nos seus amigos, é o de uma geração de alemães nascidos nos anos 50, que já cresceram na RDA, sem memória pessoal de uma Alemanha unida, sem vínculo directo com a História que conduziu ao estilhaçamento da Alemanha (o pormenor biográfico de Sunny afirmar, em dado diálogo, que “nunca conheceu os pais”, sinaliza essa ausência de vínculo histórico). Se essa geração se reviu no filme e nas aspirações de Sunny, alguma coisa haverá nele a bater (muito) certo.

A raiz sociológica do filme, de resto, era algo de bastante real. O argumento de Kohlhaase, um dos mais importantes argumentistas do cinema da RDA (o crédito de co-realização

terá sido sobretudo uma deferência, um reconhecimento de co-autoria pela importância do seu trabalho de base) baseou-se nas entrevistas que fez, em meados dos anos 70, com uma equivalente autêntica da personagem de Sunny (de seu nome Sanije Torka), uma jovem cantora que, essa sim, teve as possibilidades de carreira restringidas pela sua pouca adaptação aos “ideais de Estado” (e a entrevista de Kohlhaase também não foi publicada, a censura não deixou, e ele usou-a para construir o argumento). É curioso, e muito sagaz, o modo como o filme figura as autoridades, que nunca ou raramente são as autoridades oficiais, mas que aparecem disseminadas, incorporeamente, como uma nuvem – é a nuvem dos vizinhos de Sunny, por exemplo, que frequentemente apresentam queixas pelo seu comportamento, ou que a espiam através das janelas (mais do que uma vez, das janelas de Sunny vê-se alguém da janela em frente, a olhar).

Mas isto é o entorno de um relato que fura, justamente, esse tipo de constrangimentos. Há um voluntarismo e uma independência em Sunny que trazem alguma coisa da rebeldia natural, força da juventude, força da natureza, de algumas heroínas da “nouvelle vague” (Renate Krössner é excelente, e ganhou o Urso de Prata para interpretação no festival de Berlim de 1980 pelo seu papel), inclusivamente na relação com a sexualidade e com os homens que gravitam em torno dela – o taxista que lhe é tão devoto como um cachorrinho (e cuja devoção Sunny explora sem grande piedade), o músico que a assedia, e a relação mais profunda, com o “filósofo” de Alexander Lang, outra bela personagem, o intelectual fugidio e “misterioso”, cheio de segredos, eventualmente políticos, nunca explicitados. Em todo o caso, também nas relações pessoais o que conta é a vontade de Sunny, a sua determinação, e talvez apenas aí, mais do que na banda que integra (o “colectivo”, justamente) e de que se quer separar, se verifique plenamente o predomínio dessa questão – quase “verboten” na RDA da época, ou de todas as épocas – da vontade individual como principal motor, físico e psicológico, da acção da rapariga.

Há uma verdadeira força, documental, chamemos-lhe assim, nas cenas dos concertos em pequenas casas de espectáculos nos arredores rurais de Berlim. Os planos da assistência, os planos do ambiente, têm uma importância obviamente deliberada, a câmara de Wolf filma as actuações menos pelas actuações do que como pretexto para voltar a câmara ao contrário – ver as pessoas que assistem, os rostos, os gestos, o estar, o “polaroid” social. Isso tem uma grande força, como tem o olhar, pleno de melancolia e de vida, sobre os espaços berlinenses percorridos por Sunny. As cenas de interiores são maravilhosas (o uso que Wolf faz do espaço do pequeno apartamento do “filósofo” é magnífico), mas a grande força está nos apontamentos nos exteriores: permitem-nos ver, sem pompa, sem cliché, com que se pareciam as ruas, os prédios, as vizinhanças, os gatos nas janelas, os pombos nos beirais, de uma cidade que, 45 anos depois, já não existe: a Berlim a que então se chamava “Leste”.

Luís Miguel Oliveira